



GT 21. Buscando a vida em paisagens incertas

Coordenador(es):

Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 1

Debatedor/a: Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Rodrigo Charafeddine Bulamah (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 3

Debatedor/a: Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nos últimos anos, a antropologia tem se engajado em uma crítica etnográfica ao conceito de vida, questionando binarismos que opõem vidas biológicas e vidas biográficas, naturais e sociais, os universos da vida e da morte, das vidas humanas e mais-que-humanas. Esses questionamentos ganham urgência diante de processos contemporâneos como a dessalarização do trabalho, a precarização do emprego, a carestia, as crises ambientais, o deslocamento de populações, colocando em jogo os conceitos de sobrevivência e de vida plena, de sorte, destino e força que informam as diferentes formas de se virar na vida. Interessa-nos enriquecer essa crítica de forma comparativa, aproximando contextos globais nos quais pessoas e coletivos buscam suas vidas (se viram, hacen sus vidas, make their living, chache lavi) em quadros de agudas mudanças que embaralham dimensões políticas, econômicas e ambientais. Buscamos assim revisar o próprio conceito de incerteza, retomando questões clássicas como as relações entre estrutura e conjuntura ou entre ordinário e extraordinário. Inspirados pelo tema do congresso, pensando não só saberes, mas também práticas insubmissas, convidamos a refletir de que forma as paisagens incertas envolvem perturbações nas perspectivas temporais, enquanto estados passageiros ou permanentes, compondo espaços de experiência ou horizontes de expectativas, interagindo com as relações entre gerações, mobilizando metáforas e analogias ou produzindo novos conceitos e formas associativas.

?Crise? e ?sufocamento? em processos de domesticação e refazimento de formas de vida

Autoria: Daniela Ramos Petti (PPGAS/UFRJ)

Como se habita a vida após um processo de dismantelamento de suas próprias formas? Como a dimensão extraordinária da vida penetra o cotidiano intensificando a incognoscibilidade constitutiva do estar vivo? Essas são algumas das questões que emergem de minha pesquisa junto a famílias que refazem suas vidas após processos de remoção de favelas. A partir de um ponto de vista etnográfico, busco realizar uma reflexão sobre as estratégias econômicas, temporalidades, narrativas e projetos de futuro que emergem no contínuo processo de fazer a vida em um contexto marcado por camadas de incerteza decorrente da ?crise? e do ?sufocamento? econômicos. Enquanto categorias nativas, ?crise? e ?sufocamento? constituem um idioma possível para se narrar os impactos da dúvida e da incerteza sobre a vida cotidiana. Tomo os processos de remoção de favelas como processos de domesticação, em seu duplo caráter, tanto disciplinar-civilizatório, como de reconfiguração do doméstico, com o objetivo de chamar atenção para a multiplicidade de sentidos assumidos por determinadas formas de vida. Ancoradas na linguagem, as formas de vida, para Veena Das, abarcam não apenas uma dimensão de segurança em decorrência do pertencimento à determinada comunidade, como também dizem respeito aos perigos que os seres humanos oferecem uns aos outros no



curso das disputas em torno do que constitui a vida. Processos de domesticação envolvem disputas em torno do que seja a vida, que se materializam no dismantelamento de suas formas e nas novas linhas de transformação (becomings) que se abrem em meio às relações entre o real e o possível - imaginação sobre uma vida futura possível. Analiso no texto as relações entre casa e work, entre ?pagar as contas? e ?fazer dinheiro?, entendendo-as como dimensões inseparáveis, partes de um mesmo e único processo de estar vivo. Ao se misturarem no tecer das narrativas sobre si e sobre o futuro, a sensação de ?sufocamento? econômico e as percepções sobre a ?crise?suscitam o desenvolvimento de inúmeras estratégias cotidianas que visam mitigar os efeitos da incerteza. Os projetos de futuro dos sujeitos, que atestam as múltiplas temporalidades que constituem o cotidiano, aparecem em expressões como ?melhorar de vida?, ?dar uma vida boa pros filhos?. Partindo do argumento de Das de que a vida cotidiana não pode ser tomada como dada, ou como um objeto a ser apreendido, navego entre as práticas de se ganhar a vida (trabalhar) e se manter a casa (cuidar da família) de um lado, e as formas de se imaginar uma vida possível, de outro, dimensões que compõem o contínuo processo de se fazer a vida.

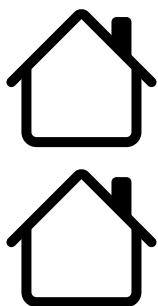
[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: